



**FÓRUM
MINEIRO DE
PSICANÁLISE**

EXPEDIENTE

Organização do X Fórum Mineiro de Psicanálise

COMISSÕES

<i>Coordenação geral</i>	Gisele Scarpone Salem (coordenação) Juliana de Jesus Marçal (vice-coordenação)
<i>Publ. e org. do livro do X Fórum</i>	Elaine Azevedo (coordenação) Flávia Parizi Heloísa Mamede Silva Gonzaga Jailson Salvador da Silva
<i>Administrativa/Logística</i>	Bruno Rodrigues Leite Janaína Sandra Pereira Júlio César Santos Gastão Marília Alvarenga Santos (coordenação) Raquel Cabral de Mesquita
<i>Científica</i>	Bárbara Guatimosim Cláudia Leite (coordenação) Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire Sávio Theodoro Scheherazade Paes de Abreu
<i>Publicação (inicial)</i>	Cláudia Melo Elaine Azevedo (coordenação) Flávia Parizi Geísla França Heloísa Mamede Silva Gonzaga Jailson Salvador da Silva Roberto Lopes Mendonça
<i>Divulgação</i>	Alexandra Cavalheiro Cássia Cristina Carrilho Menezes Janilton Gabriel de Souza Keila de Araújo Costa Pires (coordenação) Luiza Lerman Chaimowicz Neuza Loureiro (<i>in memorian</i>) Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly
<i>Tesouraria</i>	Fernando Oliveira Maria Imaculada Corrêa
<i>Revisão do livro do X Fórum</i>	Elaine Azevedo Elvis Gomes



**FÓRUM
MINEIRO DE
PSICANÁLISE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

X Fórum mineiro de psicanálise / coordenação Elaine Azevedo. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Vários autores.

ISBN 978-65-86089-13-4

1. Psicanálise I. Azevedo, Elaine

21-67934

CDD-616.89170722

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Estudo de casos :
Medicina 616.89170722

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: Elvis Gomes; Elaine Azevedo
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2021

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Cláudia Aparecida de Oliveira Leite</i>	

NOTAS SOBRE O I FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE.....	19
<i>Thereza Christina Bruzzi-Curi</i>	

PREFÁCIO.....	23
<i>Gilson Iannini</i>	

CONFERÊNCIAS

POR UM CONCEITO NÃO IDENTITARISTA DE IDENTIFICAÇÃO EM PSICANÁLISE: HEGEL AMERÍNDIO.....	31
<i>Christian Ingo Lenz Dunker</i>	

QUE É ISSO QUE DEVERIA TER PERMANECIDO SECRETO E OCULTO, EM ESTADO LATENTE, MAS VEIO À LUZ?.....	55
<i>Marco Antonio Coutinho Jorge</i>	

O ESTRANHO DENTRO DE NÓS: A INTOLERÂNCIA À DIFERENÇA.....	71
<i>Eliana Rodrigues Pereira Mendes</i>	

A FRAGMENTAÇÃO ESTÉTICA DO INFAMILIAR. 87
*Guilherme Massara Rocha, Gilson Iannini e
Danty Dias Marchezane*

**EIXO 1 – TRAMA DO ESTRANHO: PULSÃO,
ANGÚSTIA E MAL-ESTAR**

O ESTATUTO DO SUJEITO NA PRODUÇÃO
DIALÉTICA DO OBJETO: UMA PROPOSTA DE LEITURA
DO *UNHEIMLICHE* A PARTIR DE HEGEL. 115
Alexandre S. Barbosa

MONSTER HIGH, A MÃE CADÁVER
E SEUS EFEITOS MORTÍFEROS. 123
Elaine Azevedo, Juliana de Jesus Marçal e Vanilza Corradi

ESTRANHA-ESCRITA: AS VICISSITUDES DO EFEITO
DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE PRODUÇÃO
TEXTUAL À LUZ DA PSICANÁLISE. 131
Fernanda de Barros Campos

ESTRANHEZAS (EN)CORPADAS: A SEXUALIDADE
COMO MAL-ESTAR. 139
Roberta Ecleide de Oliveira Gomes Kelly

O RETRATO DE UM DUPLO 147
Ana Maria Fabrino Favato

**EIXO 2 – ESTRANHAMENTO: ARTE E ESTÉTICA
NO CAMINHO DA PSICANÁLISE**

UNHEIMLICH IMPRUDENTEMENTE POÉTICO:
A FERA INFAMILIAR DO ROMANCE *HOMENS
IMPRUDENTEMENTE POÉTICOS*, DE VALTER
HUGO MÃE, NO POÇO DE UM PROCESSO
PSICANALÍTICO. 157
Humberto Moacir de Oliveira

“CADA VEZ MAIS ESTRANHO”: O ESTRANHO
E O FAMILIAR NAS OBRAS ALICE: AVENTURAS
DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E ALICE
ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE
ENCONTROU POR LÁ. 165
*Claudete Justino Correa e
Marcos Eichler de Almeida Silva*

LALANGUE, O ESTRANHO
NA LÍNGUA DE CADA UM 175
Flávia Drummond Naves

A FANTASIA E O TESTEMUNHO: A INFAMILIAR
NARRATIVA NO CINEMA AUTOBIOGRÁFICO. 183
Ana Luisa Sanders Britto e Olívia Loureiro Viana

O ESTRANHO É AZUL: ARTICULAÇÕES
ENTRE PSICANÁLISE E ARTE NA OBRA
DE PABLO PICASSO. 193
Sidney Kelly Santos

**EIXO 3 – O ESTRANHO E SEUS LUGARES:
CORPO, CIDADE E POLÍTICA**

DO UNHEIMLICHE AO QUEER:
A ESTRANHEZA DA VOZ EM PABLLO VITTAR 203
Vinícius Moreira Lima

O ESTRANHO MAL-ESTAR NA
CONTEMPORANEIDADE. 211
Gisele Scarpone Salem

O ÓDIO COMO AFETO POLÍTICO CENTRAL
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA
INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA. 221
Marcelo Fonseca Gomes de Souza

UM ESTRANHO EM MIM: A DOR COMO
(RE)VELADORA DO ESTRANHO 229
Abraão Lincoln Cerqueira de Sousa Moreira,
Adriane de Oliveira Teixeira, Alice Bruna Fernandes
Benevides, Daniela Rodrigues Goulart Gomes e
Viviane Rocha Dias

ESTRANHOS DEJEITOS: DESTINO MINERAL 239
Bárbara Maria Brandão Guatimosim

EIXO 4 – CLÍNICA PSICANALÍSTICA:
A DIREÇÃO DO TRATAMENTO E ÉTICA

ADOLESCÊNCIAS E RISCOS: UMA
EXPERIÊNCIA DO SINISTRO 253
Carolina Nassau Ribeiro

O ESTRANHO FAMILIAR NO SINTOMA DOS PAIS:
UMA LEITURA DE “NOTA SOBRE A CRIANÇA”
À LUZ DE “O ESTRANHO” 263
Daniela Paula do Couto e Ângela Maria Resende Vorcaro

O ATO ANALÍTICO E A VERDADE
EM ALAIN BADIOU 271
Hugo Silva Valente e Letícia Santos Cerqueira

O SABER DO PSICANALISTA
E A ÉTICA DA PSICANÁLISE 279
Júlio Eduardo de Castro

O ESTRANHO FAMILIAR NA CLÍNICA COM BEBÊS 289
Rosely Gazire Melgaço

POSFÁCIO 295
Gisele Scarpone Salem e Juliana de Jesus Marçal

SOBRE OS AUTORES 297

APRESENTAÇÃO

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

“O que se faz quando se faz psicanálise?” Essa pergunta contundente, que franqueia os desafios sobre a ética e a clínica psicanalítica, intitulou o I Fórum Mineiro de Psicanálise, que aconteceu entre os dias 11 e 14 de abril de 1996, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Thereza Cristina Bruzzi-Curi, em seu texto intitulado “Notas sobre o primeiro Fórum Mineiro de Psicanálise” (1997), nos lembra o movimento inaugural que deu origem a esse acontecimento, quando ela, na condição de presidenta da Escola Freudiana de Belo Horizonte (iepsi), em 1994, convida os membros do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais e da ATO Escola de Psicanálise* para realizarem uma jornada conjunta.

Bruzzi-Curi (1997, s/p.) nos revela as dificuldades que essa tarefa impunha, pois “sabemos que não há um significante estável para reunir os que operam no campo da Psicanálise, pois os caminhos são particulares e na comunidade analítica nenhum significante vale como paradigma unificador”. Nesse sentido, a marca do primeiro Fórum foi reconhecer o desafio de operar suportando a

* Na época, nomeado como Grupo de Estudos Psicanalíticos (GREP).

“diversidade da Psicanálise nas Gerais” e consolidando um espaço de equívoca que é o nosso espaço confiável por excelência.

Por esse desafio, Bruzzi-Curi (1997, s/p.) conclui sua “Nota”, que para nós tem um valor documental, trazendo uma citação de Guimarães Rosa que bem nos acomoda:

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato dá erro contra a gente. Não queira. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar por um rio a nado, e passa; vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. (Rosa 1986, *apud* Bruzzi-Curi 1997, s/p.)

Não sabemos no que pensaram os psicanalistas e as primeiras instituições que promoveram essa aventura. Muito provavelmente, eles miraram em algum ponto ao atravessar o rio, mas creio que eles foram parar em um ponto *diverso do que primeiro se pensou*.

25 anos depois, em 2019, nós atracamos juntos – no arrastão de tantas outras gentes –, à beira de Divinópolis, e construímos um espaço de interlocução no X Fórum Mineiro de Psicanálise. Parece-nos que atracar em um ponto bem diverso é um dos destinos da Psicanálise. Lembramos que Freud, discorrendo sobre o Projeto, na “Carta 27”, endereçada a Wilhelm Fliess (16/8/1895), lamenta (ou não) que queria apenas explicar a defesa, mas, quando se deu conta, estava tentando explicar algo que pertence ao próprio núcleo da natureza (Freud 1895[1988]). Desde o princípio, Freud mirou numa banda do rio e, impactado, se viu em outro lugar.

Esse livro exhibe um *menos formato* do que contemplamos na décima edição do Fórum Mineiro de Psicanálise. Não conseguiríamos *pelejar por exato*, ou seja, incluir aqui, nessa consistência do papel, o que se viveu nos dias 12 e 13 de julho de 2019, na cidade de Divinópolis. Mas esse voo de escrita pode

permitir uma réstia de luz em torno de *Das Unheimliche*, escrito por Sigmund Freud em 1919.

Às voltas com esse intraduzível, *Das Unheimliche*, construímos um título que fez *saltar aos olhos* um certo desajuste, estranhamento e inquietação: *Ex-tranbo: a Psicanálise @s voltas com Unheimliche*. Uma construção que foi feita por muitas vozes, ouvidos e mãos. Entre traduções e elaborações, grafamos o *Ex-tranbo* de uma forma que o retira da língua; moebianamente formula o “fora que não é um não-dentro” e ao externo da entranha. Apostávamos nesse lugar/não-lugar que se impõe nas construções psicanalíticas e avançamos escrevendo o caractere @, tão adequado ao nosso tempo e aos novos encontros e desafios da Psicanálise. Interrogamos os desdobramentos teórico-clínicos que advêm desse tempo da virtualidade e consideramos toda inquietação que esse ciberespaço nos provoca, lembrando que “as voltas da Psicanálise” também nos remetem à libra de carne que cada um(*a*) paga a seu tempo nesse percurso. *Unheimliche* se impõe no título de forma solta e indefinida, sem o artigo alemão *Das*. Com isso, *Unheimliche* trava e impacta nossa língua, no exercício de sonorização, diante do acento/sotaque alemão que nos desconcerta, induz ao erro e impõe uma construção.

Sentimos, rapidamente, um dos efeitos dessa combinação: a inquietação. Algo do *infamiliar* se impôs nessa construção e passamos longos meses à procura das leituras possíveis do título. Iniciamos nossa busca por uma imagem que recuperasse nossas elaborações *infamiliare*s, permitisse uma homenagem a Divinópolis e revelasse algo escondido, mas que veio à tona. Em consonância com essas elaborações, queríamos um resplendor, um coração e fitas. Essa imagem precisou de uma invenção, e fomos agraciados pela *Índivo Rantoshe*, construção artística de Sidney Kelly Santos, do NEPPE – Poços de Caldas.

O estranho, então, se ampliou: um resplendor, um coração e fitas. Essa obra entrelaça *Das Unheimliche* com a cidade que recebeu

seu encontro: Divinópolis, Cidade do Divino. Nas tranças do resplendor e das fitas, situamos um fato histórico profundamente pertinente ao tema que nos reuniu: a história do Reinado.* Desde as proibições dos festejos impostos na primeira metade do século XX até seu retorno para o centro da cidade, permitido pelas celebrações da Missa Conga, em 1977, o Reinado foi vivenciado e sustentado pelas estratégias de sobrevivência de um povo que

perpetuando-se até os dias atuais, nos permite compreender que ao tratar deste objeto histórico, lidamos com algo vivo e pulsante, que permanece articulado no presente dialogando com as realidades em que estas práticas se encontram inseridas, e que, com certeza, não são redutíveis a critérios acadêmicos. (Leonel 2009, p. 84)

As fitas e o resplendor recuperam a inquietação dos tambores da nossa cultura e dessas Minas misturadas de corpos estrangeiros que repetem a pulsação. Por que o estranho foi colado à figura da entranha, de um coração? Essa questão ecoou algumas vezes, nos levando a recuperar o estranho que pulsa. O coração denuncia, delata. Mesmo escondido, ele salta à boca e aos olhos. É um tambor que denuncia o enlace pulsional que faz o olhar e a voz se configurarem como substâncias episódicas que suportam a pulsação.

Todas as elaborações supracitadas foram amparadas por muitos corpos que se deslocavam e investiam na perspectiva de deixar algo de si para a Psicanálise. Dessa maneira, nessa coletânea de trabalhos, buscamos contemplar a diversidade e a representatividade das instituições e espaços que se dedicaram à construção do Fórum. Portanto, encontraremos as quatro

* Sobre esse tema, ver Leonel (2009), que recupera essa história em sua dissertação intitulada *Entre a cruz e os tambores: conflitos e tensões nas festas do Reinado* (Divinópolis, MG).

conferências que marcaram profundamente as elaborações sobre o tema e 20 trabalhos selecionados, dentre os 76 apresentados oralmente, que foram dispostos em eixos temáticos.

A primeira conferência, “O estranho dentro de nós: a intolerância à diferença”, ministrada por Eliana Rodrigues Pereira Mendes, abriu nossas interlocuções, demonstrando a originalidade da herança que a psicanálise deixa para a humanidade. Em seu artigo, Eliana Mendes nos lembra que a riqueza da constituição psíquica de cada um marca nossa radical singularidade. Assim sendo, o que se impõe é que cada um carregue o *infamiliar* dentro de si e, por isso, em psicanálise, é fundamental construir o respeito e a tolerância ao diferente.

Marco Antonio Coutinho Jorge nos apresenta “Que é isso que deveria ter permanecido secreto e oculto, em estado latente, mas veio à luz?”. Nesse trabalho, o autor recupera o ineditismo do ensaio de Sigmund Freud sobre o estranho que, na sua constatação, parece corresponder à moderna definição de um hipertexto, convocando o leitor a uma participação ativa frente à não linearidade da leitura e escrita. Ao mostrar quão ricas e variadas são as vias que entrecruzam *Das Unheimliche*, Marco Antonio Coutinho Jorge nos revela o laço entre o desejo incestuoso e a estrutura do estranho.

“A fragmentação estética do infamiliar”, texto construído por Guilherme Massara Rocha, Gilson Iannini e Dante Dias Marchezane, demonstra por que revisitar *O Infamiliar* [*Das Unheimliche*] implica em embrenhar em percursos múltiplos, para além da ressonância psicanalítica, incluindo a estética, a linguística, a arte e a literatura. Os autores tecem suas elaborações, destacando a vivacidade desses percursos invadidos pela atividade pulsional que não se deixa reduzir ao “já sabido”. Dessa maneira, “na justa proporção de uma *démarche* que talvez não fosse exagerado designar como dialética”, eles constataam a interpolação e dissociação entre ética, estética, clínica e metapsicologia.

Christian Ingo Lenz Dunker, que marcou o momento de concluir o X Fórum Mineiro de Psicanálise com sua conferência,

construiu seu artigo “Por um conceito não identitarista de identificação em Psicanálise: Hegel ameríndio”. Dunker demarca que a teoria da sexuação em Lacan, bem como os problemas clínicos a ela associados, depende do conceito de identificação e, portanto, demanda uma antropologia, uma concepção de linguagem e uma noção do reconhecimento não identitarista. Nessa perspectiva, ele conclui, paradoxalmente, que “a filosofia da natureza em Hegel é um péssimo modelo para pensar a natureza no sentido da ciência moderna, mas ela é um ótimo recurso para pensar uma teoria não identitarista do reconhecimento, na qual a epistemologia é fixa e a ontologia é variável”. O que se abre é a possibilidade de pensar o *Hegel ameríndio*, considerando que a coisa se forma em um processo aberto e contingente, o devir.

Sob o tema “Trama do estranho: pulsão, angústia e mal-estar”, reunimos os trabalhos que contemplam as discussões clínicas e os desdobramentos teóricos em torno da pulsão de morte, angústia e mal-estar. Nesse sentido, os autores apontaram a dimensão do Real que enlaça o acontecimento *infamiliar*. Alexandre Barbosa propõe uma leitura do efeito *Unheimliche* como momento dialético privilegiado na progressão da consciência de si, conforme proposto por Hegel, a partir do texto de Freud. Na singularidade clínica, Elaine Azevedo, Juliana Marçal e Vanilza Corradi retomam *O Estranho*, articulando-o ao conceito de angústia. As autoras constroem o trabalho mediante as elaborações clínicas sobre o atendimento de uma criança encaminhada pela escola. O trabalho de Fernanda Campos revela a escrita como um ato que singulariza a cultura, no sentido de que só há sobrevivência na posteridade se houver registros da sua existência. A autora assevera que escrever é *ex-tranbar*. O trabalho construído por Roberta Kelly nos indica, mediante as elaborações em torno de duas situações clínicas, como *Unheimliche* e mal-estar se encontram no sexual, deixando, nessa relação com o corpo, uma brecha de inadequação. Ana Maria Favato, em seu artigo, retoma um dos pontos fundamentais em *Das Unheimliche*: o tema do duplo como manifestação do *infamiliar*.

A autora apresenta o retorno inesperado da imagem de si mesmo que faz entrecruzar semelhança e diferença.

O eixo temático “Estranhar-te: arte e estética no caminho da Psicanálise” acolheu os trabalhos que contemplam as relações do estranho com as artes, a estética e o feminino. Os trabalhos que compuseram esse eixo transitaram entre cinema, música, escultura, pintura e literatura e trouxeram elaborações em torno dos debates e pesquisas atuais sobre as artes e a psicanálise. Humberto de Oliveira situa o romance *Homens imprudentemente poéticos*, de Valter Hugo Mãe, aproximando elementos da trama ao processo analítico, ao poço que é, a um só tempo, estranho e familiar. Claudete Correa e Marcos Eichler Silva interrogam o estranho e o familiar nas duas obras de Lewis Carroll sobre Alice: no *País das Maravilhas* e *Através do espelho*. Os autores resgatam as questões e construções possíveis ao destacar as demasiadas contradições de Alice. No trabalho de Flávia Nunes, recolhemos a fineza de *lalangue* em Marguerite Duras. A autora recupera, na escrita de Duras, o ponto de interesse da psicanálise, aquele que traça “o efeito de sentido que faz passar a falha, uma possibilidade peculiar de transmissão”. Ao apresentar o cinema autobiográfico, o trabalho de Ana Luisa Brito e Olívia Viana nos lembra a contemporaneidade entre o nascimento do cinema e o surgimento da Psicanálise. O texto se dedica a considerar os vestígios do *infamiliar*, o testemunho de si, colocado em cena pelo efeito do cinema autobiográfico. O trabalho de Sidney Kelly Santos recupera *o estranho* na tela de Pablo Picasso intitulada *O quarto azul*, revelando o drível e os desvios de uma narrativa pré-concebida. No campo em que a Psicanálise se articula à Música, Vinícius Lima elabora “A estranheza da voz em Pablo Vittar”. O autor discute o que seria a estranheza desse objeto, encarnado na voz de Pablo e que coloca em cena a dimensão *queer* da subjetividade.

“O estranho e seus lugares: corpo, cidade e política” foi o eixo temático que promoveu um debate de grande relevância sobre os temas contemporâneos que nos afetam de maneira profunda. Os trabalhos trouxeram os acontecimentos nas instituições, na

política, na educação, nas cidades, nos corpos e nesse emaranhado que nos dita o estranho gozo do próximo e os seus efeitos: intolerância, narcisismo e racismo. Gisele Salem nos mostra, em seu trabalho, que a psicanálise não promete eliminar o mal-estar, mas nos permite reconhecer o estranho no que está velado nas entranhas do familiar. Marcelo de Souza, nessa mesma perspectiva, apresenta o trabalho “O ódio como afeto político central no Brasil contemporâneo: uma interpretação psicanalítica”. O autor compõe suas elaborações sobre a ostentação do ódio e sobre a forte polarização que dividiu a população do país nestes últimos anos. Abraão Moreira, Adriane Teixeira, Alice Benevides, Daniela Gomes e Viviane Dias apresentam *a dor como reveladora do estranho*, nas experiências recolhidas num projeto de extensão realizado na Emergência Pediátrica do Hospital Geral de Vitória da Conquista – Bahia. Com o trabalho de Bárbara Guatimosim, recuperamos o impacto humano advindo das tragédias ambientais que assolaram Minas e se desdobram no descaso ambiental em outros lugares do nosso território. A autora interroga o lugar do analista e da psicanálise frente a esse desastre e nos lembra que “prosseguir no encaicho do que não se quer saber é justamente e, pelo menos, jamais o evitar”.

Os trabalhos que se dedicaram à Ética da Psicanálise, ao discurso e à perspectiva clínica formaram o eixo “Clínica psicanalítica: a direção do tratamento e a ética”. Sob esse eixo, encontramos os trabalhos que discutem a clínica e seus desdobramentos. O artigo de Carolina Ribeiro relaciona o tema do *infamiliar* à adolescência e ao risco, sobretudo ao risco de tirar a própria vida. Daniela Couto e Ângela Vorcaro discutem o estranho familiar no sintoma dos pais, entrecruzando a leitura do texto de Lacan “Notas sobre a criança” à luz do texto de Freud “O estranho”. Hugo Valente e Letícia Cerqueira apontam que o ato psicanalítico, como operador da análise, pode ser pensado como “produção de um equívoco no significante que funciona como um empurrão para que o sujeito se declare a partir do desejo”. Júlio de Castro nos apresenta, em seu

trabalho, a dimensão ética como um fator indispensável à formação do psicanalista, principalmente na construção de um saber fundado sobre a função da ignorância que deve ser incluída e presente na situação clínica. Rosely Melgaço apresenta, em seu texto, os desafios, sulcos, heranças, ilusões e desejos que se estabelecem no encontro dos adultos (pais, profissionais) com a criança. A autora apresenta esse encontro retomando a escrita de Clarice Lispector e demarcando como o inesperado Real irrompe sem aviso e causa estranheza.

Lembramos, para encerrar essa apresentação, que esse livro é um fragmento de um acontecimento. *Das Unheimliche!* Hipertexto, *infamiliar*, ameríndio, entranha estranha, intraduzível, fuga pulsional. Não há uma explicação, mas há construção. E essa travessia continua carregando todos os impasses, diversidades, desafios e diferenças. E, ainda, essa travessia continua esperando que cada um coloque uma letra própria na leitura que cabe a cada um.

Referências

- BRUZZI-CURI, Thereza Cristina (1997). Notas sobre o primeiro Fórum Mineiro de Psicanálise.
- FREUD, S. (1895[1988]). “Carta 27”, in: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1919[1988]). “O estranho”, in: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- LEONEL, Guilherme G. (2009). *Entre a cruz e os tambores: conflitos e tensões nas festas do Reinado (Divinópolis – MG)*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

NOTAS SOBRE O I FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE¹

Thereza Christina Bruzzi-Curi²

Nos idos de 1994, como presidente do Iepsi, hoje EFBH/Iepsi, propus às Diretorias do CPMG e do então GREP, hoje ATO ANALÍTICO, que fizéssemos uma Jornada Conjunta; primeiro passo para realização de um Fórum Mineiro de Psicanálise.

O Fórum responderia ao imperativo ético de levar adiante a Psicanálise para além dos guetos institucionais.

Cerca de um ano e meio antes do Fórum, começamos as interlocuções para sua realização.

Desde as primeiras conversas, a questão de tolerar as diferenças fez-se presente. A partir daí, uma a uma, vieram as instituições que deram a forma e a configuração que tomou o I Fórum.

-
1. Artigo escrito nos idos de 1997 como registro do I Fórum Mineiro de Psicanálise e revisto em 2017.
 2. Membro da EFBH/iepsi, coordenadora do I Fórum Mineiro de Psicanálise.

Uma a uma, vieram várias instituições, sem com isso fazer o universo da Psicanálise, pois não há um saber absoluto que dê conta da Psicanálise. Toda construção de um saber, tal como pretendemos, bem como toda suposição de saber, prevê ou traz implícita uma pergunta, uma falha: é diante da equívocação que se constrói.

Realizar o I Fórum, de início, parecia tarefa difícil. Difícil precisamente porque sabemos que não há um significante estável para reunir os que operam no campo da Psicanálise, pois os caminhos são particulares e, na comunidade psicanalítica, nenhum significante vale como paradigma unificador.

Caminho mais fácil seria o de reunir em torno de um significante ideal, caminho da psicologia das massas.

Caminho fácil, obturador, no entanto, da possibilidade de inventar.

E inventar era preciso, já que viver é tão impreciso. Inventar espaços, onde cada psicanalista possa se apresentar.

Era preciso, então, abrir espaços, fazendo valer o desejo de analista que, fazendo extensão de sua tão vazia intensão, cria espaços como o Fórum.

Fórum: espaço simbólico para particularidades e diferenças.

Fórum: momento de abertura a todos os interessados no movimento da psicanálise e no debate do texto psicanalítico, em que cada um possa se apresentar.

Nas diferenças e singularidades, o I Fórum aconteceu de 11 a 14 de abril de 1996. Sua realização foi uma provocação, para que cada psicanalista pudesse se perguntar de uma posição ética: o que se faz quando se faz psicanálise?

Uma questão ética, pois não se trata de uma resposta técnica, mas que implicou um trabalho cuidadoso de dizer como lidamos com a singularidade e a diferença.

Na insistência, o I Fórum realizou-se marcando a entrada num segundo século de trabalho em Psicanálise.

O I Fórum, a partir de seu tema, se propôs a suportar a diversidade da Psicanálise nas Gerais.

Carecia tolerar a diversidade, suportar a diversidade nos campos gerais da Psicanálise, não para fazer da diversidade uma bandeira, mas como uma constatação da impossibilidade da uniformização da Psicanálise.

Se não há uniformização, há espaço de troca, há movimento.

O I Fórum, no movimento da psicanálise, desdobrou, desenrolou nas discussões um falar do que fazemos enquanto psicanalistas. Fazer que sustenta, no seu ato, a partir de uma posição ética, o que é a Psicanálise? Posição ética na qual o desejo de analista não se confunde com sua vontade, desejo diverso daquele que se agarra às tapeações imaginárias.

O I Fórum teve seu tema desdobrado em três grandes subtemas:

- O que se faz quando se faz Psicanálise hoje?
- Psicanálise em Extensão.
- O segundo século da Psicanálise.

Para trabalhá-los, contou com uma estrutura composta de mesas-redondas em sessão plenária, recortes nos temas em mesas simultâneas e sessões plenárias com a participação dos coordenadores dos recortes.

Nesta estrutura, apresentou um dispositivo inovador que consistia em recortar o tema do dia, com trabalhos que eram discutidos nas salas e depois levados pelos coordenadores em plenária. Este dispositivo implicava o deslocamento da autoria de cada texto, pois o que foi levado à plenária foi o desenrolar das discussões, o movimento destas.

Assim, um ano e meio de trabalho árduo das comissões, que se prontificaram a trabalhar no Fórum, desembocaram em quatro dias de apresentações, estabelecendo a configuração do I Fórum Mineiro de Psicanálise.

Essa configuração nada mais é que um espaço simbólico, que serviu para fazermos nossas equívocações!

Tais configurações precisaram ser dissolvidas. As dissoluções e a formação de novas configurações têm a finalidade de restabelecer a virulência da psicanálise em oposição às permanências asseguradoras dos efeitos das formações de grupo.

Para terminar, cito Guimarães:

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira.

Assaz o senhor sabe: a gente quer passar por um rio a nado, e passa; vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. (Rosa 1986, p. 26)³

3. Rosa, João Guimarães (1986). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PREFÁCIO

Gilson Iannini

“É numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro. Em um parque, há pássaros, gatos. E de vez em quando um esquilo, um furão. Em um parque a gente não está sozinha. Mas dentro da casa a gente fica tão só que às vezes se perde.” Marguerite Duras descreveu com sutileza e contundência essa sensação estranha e familiar de se perder mesmo quando estamos dentro de nossa própria casa. Sabemos os caminhos, sabemos ir do quarto à sala, da sala à cozinha, mas, de repente, tudo parece um labirinto. A geladeira pode ser um abismo, a janela, um precipício, a televisão, um buraco negro infinito. O labirinto mais terrível, afinal, não é uma linha reta? É numa linha reta que enfrentamos nosso Minotauro mais íntimo, nosso objeto *a*. Seguimos em frente, mas pra onde? Quanto mais fugimos do Minotauro, mais ele nos devora. Não por acaso, a corda bamba é uma linha reta. A criança sente medo do escuro dentro do próprio quarto: ela sabe que fantasmas existem, apesar da cegueira dos adultos, que insistem em dizer que não existem. Nos esquecemos que eles existem? Mas existem como? Em nenhum lugar, o ex-sistir é tão claro. Ex-sistir é a maneira que os fantasmas encontram para sobreviver. O que torna nossa casa, ao mesmo tempo, o lugar para onde queremos

voltar e o lugar de onde queremos fugir? O que torna nossa solidão uns dias necessária e outros dias insuportável? O que faz o rosto de uma criança a própria imagem da ternura e da inocência, que faz precipitar no homem mais durão sua própria voz infantil – cheia de tatibitates –, e, ao mesmo tempo, esse mesmo rosto infantil, com uma ligeira inversão do olhar, torna-se o rosto assustador, a encarnação do mal, que estampa o cartaz e os *trailers* de filmes de terror?

Esse quase-nada, esse íntimo-êxtimo, esse estranho-familiar é que Sigmund Freud abordou em seu *Das Unheimliche*, que o presente livro celebra o centenário. *Das Unheimliche* é uma palavra e um conceito, ou, mais precisamente, uma “palavra-conceito” (*Begriffswort*), que delimita, no vasto âmbito daquilo que suscita angústia e horror, um sentimento bastante específico e, no entanto, bastante geral. Partindo de uma intrincada análise lexicológica da palavra-conceito que intitula o ensaio, Freud pretende justamente cingir o real que ela recorta. Para fazê-lo, ele mobiliza uma trama de referências que parte da ciência, passa pela filologia e pela estética, indo até a literatura fantástica, sem nunca perder de vista o que interessa ao psicanalista, convocado desde a primeira linha do ensaio. Num movimento às vezes vertiginoso, Freud se apropria de uma palavra de uso relativamente comum em alemão (pelo menos em seu uso adjetivo-adverbial), empresta-lhe um estatuto conceitual, transporta-a por variadas searas linguísticas e filosóficas, examina a experiência literária que melhor a engendra, escrutina a vivência real que ela recorta, para, ao final, devolver a palavra à língua, mas desta vez com o selo perene da psicanálise. Desde então, sob o impacto dessas investigações, seus leitores, nas mais diversas áreas, passam a contar com uma apreensão muito distinta da que tinham anteriormente. O *Unheimliche* – tanto a palavra quanto aquilo que ela “designa” – se é que podemos fazer essa distinção – não é o mesmo antes e depois da publicação desse ensaio em 1919, há exatos 100 anos. Definitivamente, a análise empreendida por Freud modifica não apenas a língua alemã, acrescentando um sentido e

um emprego inauditos, mas ainda exporta para todas as línguas através das quais a psicanálise se difundiu um significante novo e incômodo, um vocábulo, a rigor, intraduzível.

Quando me deparei com o título desse X Fórum Mineiro de Psicanálise – o Ex-tranho –, minha reação imediata foi um sorriso de soslaio, desses que a gente tem com uma recordação prazerosa, sorrateira, antiga. Confesso o porquê: muitos anos antes de me aventurar na edição de uma nova tradução de Freud, tive duas ideias, que abandonei. O que não quer dizer que elas me abandonaram. Não é isso o inconsciente, ideias que a gente abandona, mas que não nos abandonam? Uma delas era traduzir *Das Ding* por “A cousa”, que teria a vantagem de recuperar uma palavra em desuso, mas também de lembrar a etimologia que nos remete, em última análise, à raiz comum com “causa”. Documentei essa ideia numa nota de rodapé no primeiro livro que publiquei, em 2004. O capítulo se chamava “O olho negro das favas: exercício de estética lacaniana” (Iannini 2004) e era um comentário, não por acaso, do “Ex-nihilo”. A outra ideia era traduzir o *unheimlich* freudiano por “extranho”. Hesitei bastante em contar essa recordação, primeiro porque não encontrei nenhuma documentação pública dessa ideia, segundo porque reivindicar alguma prioridade seria algo absolutamente tolo. Na minha gaveta de guardados, encontrei vários rascunhos contendo essa expressão: um anteprojeto de doutorado abandonado, um poema, que já nasceu póstumo. Por isso, minha felicidade ao ver surgir de outro lugar, o ex-tranho. Para mim, era como um *fuero*, algo que remetia a um passado, mas que, estranhamente, permanecia extremamente familiar. Nessa altura, quando recebi o convite do Fórum, já estava em outro lugar, já havia me convencido do infamiliar, mas o extranho não havia me abandonado.

Das Unheimliche é uma palavra intraduzível. Uma consulta rápida nas melhores traduções disponíveis nas línguas mais próximas da nossa atesta isso facilmente. Só em francês, foram propostas pelo menos três traduções diferentes: “l’inquietant

étrangeté” (Gallimard), “l’inquietant familial” (Payot) ou simplesmente “L’inquietant” (PUF); em espanhol, “Lo siniestro” (Biblioteca Nueva) ou “Lo ominoso” (Amorrortu); em italiano, “Il perturbante” (Boringhieri); em inglês, “The uncanny” (Standard edition); e em português, “O estranho” (*Edição Standard*) ou “O inquietante” (Companhia das Letras). Nenhum vocábulo freudiano apresenta tantas variações e tantas soluções diferentes. Neste sentido, estamos diante de um “intraduzível”: “o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (Cassin 2018, p. 17). Não se trata, aqui, de repetir o dogma da intraduzibilidade, ou de sugerir uma suposta superioridade ontológica desta ou daquela língua. Ao contrário, as muitas traduções diferentes de *das Unheimliche* são um índice inequívoco de que estamos diante de uma palavra intraduzível. O intraduzível, por sua vez, é o sintoma por excelência da diversidade das línguas (conforme Santoro, *apud* Cassin 2018).

Falar de intraduzíveis não implica absolutamente que os termos em questão, ou as expressões, os expedientes sintáticos e gramaticais, não sejam traduzidos e não possam sê-lo – o intraduzível é antes o que não cessa de (não) traduzir. Mas isso assinala que a sua tradução, em uma língua ou em outra, causa problema, a ponto de suscitar às vezes um neologismo ou a imposição de um novo sentido para uma velha palavra: é um indício da maneira como, de uma língua à outra, tanto as palavras quanto as redes conceituais não podem ser sobrepostas. (Cassin 2018, p. 17)

Uma das cláusulas que Freud havia estabelecido como condição para a detecção desse sentimento do infamiliar era a indeterminação entre fantasia e realidade. Por essa razão, o psicanalista julgava que era mais fácil obter o efeito infamiliar na ficção do que nas nossas experiências. Desde então, as fronteiras entre ficção e realidade se tornaram menos nítidas. Estão aí *fake news* que não nos deixam mentir... Estamos, portanto, diante de

uma experiência generalizada do infamiliar. Vivemos o século do infamiliar generalizado, em que a impossibilidade de se sentir em casa em casa foi levada ao ápice.

Penso esse livro e esse encontro como um conjunto de esforços de traduzir esse intraduzível. Muitos sabem que uma cirurgia cardíaca de emergência me impediu de participar do evento em Divinópolis e que meu amigo Guilherme Massara pôde me substituir (certamente, com vantagens para todos). Desde então, muitas águas, mais súbitas, mais imprevisíveis, se passaram nesse rio que atravessamos a nado e que nos leva a outras bandas: uma pandemia, a quarentena que dela decorre, as incertezas que se tornaram mais agudas. Mas atravessamos, felizes e travessos, como um palhaço (ou, como diz outro amigo, como um psicanalista), brincando no labirinto da corda bamba da vida. É dentro de casa que nos sentimos sós. Mas neste Fórum e neste livro nos sentimos em um parque, junto a esquilos, pássaros e outros furões.

Referências

CASSIN, Barbara (coord.) (2018). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias. Volume um: Línguas*. Fernando Santoro e Luisa Buarque (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica.

IANNINI, G. (2004). “O olho negro das favas: exercício de estética lacaniana”, *in*: IANNINI, Gilson; ROCHA, Guilherme Massara; PINTO, Jeferson Machado; SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.